

A LOUCA DA FONTE¹

Laura Rosa

A Filinto de Almeida



[67]² — Marinete, minha filha, que vai pela aldeia, que a sinto tão calada?

— Ouço dizerem, minha mãe, não sei ao certo, que o jovem Conde se acha mal e os aldeões correm a visitá-lo no castelo: está mesmo solitário o lugarejo e na fonte não vi hoje quase lavadeiras!

— Não viste a Luíza?

— Não, senhora.

— Nem a Teresa?

— Também não. Hoje, dos bancos, só eu com as filhas da tia Lourença unicamente, que aí estão.

— Recolheste toda a roupa, minha filha? Nada ficou pelo estendedouro?

¹ ROSA, Laura. A louca da fonte. In:_. *As promessas*. 2ª ed. São Luís: Grupo de Estudos em Literatura Maranhense GELMA, 2023. p. 67-79.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

[68] — Está toda aqui. — E a rapariga, assim respondendo, arriava ao chão o balaio pesado, alto, da roupa cheirosa e alva, que suas mãos mimosas haviam lavado.

— Ai... ai... estes joelhos... — gemeu a mãe, estirando a perna esquerda a custo — este reumatismo, que não me deixa ajudar-te. Hoje, então, estou mais atacada, ai... Acende-me o cachimbo, minha filha.

Pegou a moça um tição que entre três pedras fazia ferver a caldeirada do jantar e achegou-se à velha Joana, que a esperava com o taquari na boca.

— Também devias, — disse a velha, tirando já uma fumaça — devias... ir até o castelo, bem sabes que é tão bom para nós o senhor Conde, moramos nas suas terras sem pagar foros.

— Mas se eu nem o conheço, mãezinha!

— Conheço-o eu, minha filha, e, demais, estimo-o de pequenino, e a senhora sua mãe era muito minha amiga, e que boa criatura... Deus tenha lá sua alma em bom lugar! pois hás de lá ir... ai... ai... este joelho... já não é meu, nem já sou mais para estas viajadas; pois tens de ir.

— Amanhã, pela fresca, então, irei com as filhas da tia Lourença e voltarei pela noitinha.

— Está bem, pois irás com elas.

Enquanto grossas fumaças desenrolavam-se do cachimbo de Joana, dizia esta lá consigo, citando, distraída, as labaredas que envolviam o caldeirão a ferver a feijoadada:

— Coitado do moço! Há já tempos que eu o vi passar pras caçadas lá pela fonte, pediu-me até de beber e foi a Marinete quem lhe deu água; ela nem se lembra que [...] a sua a tão bonita, e deu-me os parabéns pela joia

que eu possuía, nem se lembra mais, era pequenota nesse tempo! — E, assim, cachimbando, pensava a velha lavadeira.

Marinete pegara o cântaro vazio e descera a caminho da [69] fonte, cantarolando uma trova em voga; a saia curta deixava às vistas os pequenos pés descalços e ela, a lavadeira galante, ora corria pela estrada, ora cantava com muita graça:

*Nãoensem que o Amor pousa um momento,
Amor nunca descansa,
Revolve o coração e o pensamento,
Qual travessa criança.*

*Julgam talvez que o Amor anda sozinho...
Ai, pobres corações!
Ciúmes o acompanham de mansinho
Munidos de ferrões.*

*... Trará... lará... lará...
... lari ... lari... lari...*

E a rapariga galgava os cerrados com o cântaro sobraçado, alegre como uma andorinha na primavera.

Na passagem, o vento fraco brincava com os cabelos loiros que lhe caíram em desalinho, bastos e ondeantes, dourados como o brilho do sol desfalecido da tardinha. Sua voz argentina ecoava como um trinado de

rouxinol lá pelas matas distantes, e os rapazes apaixonados da loura filha de Joana disseram uns para os outros, ouvindo-lhe a bela e fresca voz:

— Olha a Marinete!!!

Anselmo, porém, que sempre voltava entre eles, como de costume, das lides do dia, calou-se e suspirou.

Anselmo era o mancebo mais bonito do lugar, também o mais pobre. A velha Joana era ambiciosa, não dava Marinete a qualquer, como dizia sempre. Calava ele, portanto, no coração aquele puro amor que se expandia em suspiros repassados [70] que ocultava aos demais.

Atraído o rapaz pela voz que lhe penetrava alegre como um raio de sol até o coração, deixou-se ficar atrás, seguindo-lhe inconsciente a direção.

A voz continuava:

*Amor prefere o peito delicado,
Pra mudo se ocultar
E por mais que o escondam com cuidado,
Aparece no olhar...*

— Oh, é o Anselmo?! — Fez a moça, interrompendo-se assustada, dando com o rapaz a poucos passos de distância.

— Ouvi a voz da menina — balbuciou o mancebo...

— Se fosse sereia, então, o teria assombrado, não é assim?

— Nem sei se já me... assom...

— Já o assombrei! Ah... ah... ah... pois então venha me ajudar a erguer este cântaro, que lhe passa o assombramento!

— Pois não — disse o aldeão, e, de um impulso, colocou-lhe, cauteloso, a vasilha no ombro!

Juntos seguiram caminho da aldeia, ele, sentindo-se feliz; ela, expansiva, propondo uma porfia e um prêmio para quem caminhasse mais depressa pela estrada.

— Sabes, Anselmo? — Disse ela, parando de repente. — Amanhã, pela fresca da manhã, irei até o castelo.

— Quando voltas?

— À noite.

— Quem sabe?!

— Por quê, Anselmo? Então vou pra ficar?

— Não sei, mas...

— Mas... o quê?

— O Conde... se te vir...

[71] — Fica bom e casa comigo... ah... ah... ah... ora, este Anselmo!

— Não sei por que ris, Marinete!...

— Porque sempre tens uma lembrança!...

— Pois, olha, há dias, quando fui visitá-lo, perguntou-me se a velha Ana já se tinha mudado de suas terras... e... se...

— Dize logo, rapaz!

— Se não... viria vê-lo.

— Mentira!... aposto que não foi isto que ele disse.

— Oh, Marinete!

— Jura!

— Por esta luz que ainda clareia!... e perguntou-me mais se ainda eras muito bonita!...

- E que lhe respondeste?
- Que eras... feia!...
- Ah... ah... ah... e me achas feia?
- Bastante...
- E esse moço é bonito, o Sr. Conde?
- Dizem as tuas companheiras, eu... não o acho.
- Pois amanhã tirarei a limpo!
- Não queres que te acompanhe, Marinete?
- Não... os bonitos não acompanham os feios!

Anselmo fitou-a com ternura.

Tinha chegado à porta da casinha da lavadeira, que se avistava através da cerca, sombreada de estreleiras floridas e jasmineiros perfumados.

— Adeus, Marinete!

— Adeus, Anselmo!

E separaram-se: ela, cantarolando como sempre; o rapaz, levando guardadas no coração cativo aquelas palavras trocadas e as risadas cristalinas, que lhe soavam ainda aos ouvidos como notas alegres de música afinada.



[72] Era o jovem e formoso Conde muito estimado por sua reconhecida bondade; era o último dos descendentes dos nobres fidalgos senhores daquele velho feudo de remotas tradições, de cuja fama vivia. E todos os habitantes das suas terras o respeitavam e amavam. Era rico,

jovem, formoso e bom. Foi por isso que a notícia da sua grave enfermidade entristeceu a todos.

E não se passava dia ou noite que se não encontrasse à entrada do castelo os habitantes das aldeolas vizinhas ou mensageiros vindos de longe à cata de notícias da saúde do moço fidalgo.

Estava bem mal, resfriara-se em uma caçada, a febre atacara-lhe o cérebro, estava em delírio, mergulhado nos estofos do leito, rodeado de médicos e de amigos; deitara, dizem, até golfadas de sangue.

Nessa manhã, porém, umas tantas melhoras foram notadas.

— Abram todas estas janelas! — disse ele aos criados. — Quero ar... quero a vida... quero ver a luz! a natureza!... abram todas as janelas!

Fizeram-lhe a vontade, foi ele colocado junto à janela, que olhava para o jardim, e esprou a vista.

Momentos depois, notável estremecimento sacudiu-lhe o corpo enfraquecido.

— Quem são aquelas? — perguntou, apontando para as três raparigas que se aproximavam.

— São aqui das vossas terras — lhe responderam. — A filha da velha Joana e as da tia Lourença.

— Mandem que subam, que venham cá — volveu.

[73] Minutos depois, as três raparigas, muito acanhadas, com os olhos baixos, chegaram até o doente.

— Deus lhes dê bons dias, Senhor Conde — disseram.

Voltou-se ele e fitou a lavadeira loura.

— Bom dia! — Respondeu.

— Como tem passado Vossa Senhoria?

— Não sei... está a aparecer que me não levanto...

— Ora, Sr. Conde! — retorquiram as raparigas. E calaram, sem saber o que mais dissessem.

— Marinete, — disse o doente — bem precisava eu de uma enfermeira... Não quer ficar aqui por alguns dias? Não tenho mãos carinhosas que bem desempenhem esse mister... foi tua mãe quem assistiu a minha até os últimos suspiros... mas já está tão velha!

Marinete, um tanto corada, com os olhos baixos, enrolava a ponta do lenço nos dedos, torcendo-o e distorcendo-o.

— Mas... — respondeu, por fim. — Minha mãe não se levanta quase com o reumatismo que a ataca às vezes... como agora está... ficaria só.

— Posso mandar buscá-la, Marinete.

— Mas... tudo meu lá ficou espalhado...

— Tua mãe arrumará tudo.

— Ainda ficou no coradouro alguma roupa...

— Essas duas companheiras tuas poderão lavá-la.

— As galinhas estão chocando agora e...

— Ora! Isso não, levá-las-emos nós para casa, até que vás. —

Retorquiram as outras duas raparigas.

— Mas... eu...

— Não queres ficar, então? — volveu o Conde, tristemente.

— Pois bem, ficarei, e minha mãe?

— Virá!

E Marinete ficou.



[74] Nunca mais esquecera o moço aquela tarde de caçada em que passara pela fonte e pedira de beber à velha Joana.

Na corte, rosto algum de nobreza feminina lhe calara tanto no pensamento como o daquela gentil criança de treze anos, que lhe trouxera a água fresca!

Loura e corada, grandes olhos claros e serenos, boca vermelha e pequena, sorriso franco e os cabelos muito bastos a caírem em catadupas douradas até as curvas dos joelhos e lhes fustigarem as faces acetinadas com fartos caracóis.

O moço matara a sede, mas trouxera no coração um não sei quê de estranho que lhe havia nascido no coração.

Passaram-se tempos, e o Conde, que por ocasião das grandes caçadas recebia no castelo nobres famílias da corte e promovia festas e divertimentos de toda espécie; que sempre, alegre e generoso, visitava as suas aldeias, simples e amável para com aquela gente rústica que o respeitava com particular amizade, fechou de vez os salões do seu suntuoso castelo e nunca mais foi às herdades, nem mais se viu no reino o moço garboso e aristocrata.

Vivia em casa, aborrecido dos títulos, da nobreza, do dinheiro, do luxo e de si próprio, com inveja da vida rústica, desejando ser um simples camponês.

Triste condição da humanidade! Desejar o que não pode, querer o que não deve! Mas é o amor! É o tal amor que está sempre em contradição e vai atrás do olhar.

Saía, uma ou outra vez, para a caça, cavalgando o seu querido castanho e, às vezes, a pé, sutilmente, percorrendo as matas, avistando, sem ser pressentido, a loura Marinete curvada sobre o banco com as mangas arregaçadas e as mãos rosadas [75] mergulhadas na espuma e a saia sungada até os joelhos.

Ela, porém, alheia, cantando sempre aquela trova predileta, a rir-se de tudo, só tinha alerta os seus sentidos para a hora em que voltava o Anselmo do trabalho para ver-lhe o semblante querido.

Por isso, quando falou o Conde em ficar, lembrou-se logo das palavras do rapaz: “Quem sabe?!”.
E hesitou.

Estado do moço comoveu-a e a tristeza do seu rosto impressionou; deixou-se, então, ficar.

Tarde, porém, quando lhe segurava ela a xícara de caldo, e a velha Joana acercaram-se do leito, gemendo como sempre, o moço ergueu a vista de súbito e perguntou-lhe a queimar a roupa:

— Se quisesse fazer de Marinete uma condessa, tia Joana, não quereria você?

— Eu! — exclamou a moça, estremecendo e fitando-o assustada... — eu não o queria, senhor!

— Está delirando, coitado! — volveu a velha.

— Oh, não! — Retorquiu doente. — Não estou delirando, tia Joana, acho esquisito, não é assim? Mas amo-a... e há tanto tempo! É boa minha intenção, pois cedo morrerei...

— Minha pobre filha é lavadeira, senhor Conde... pobre... oh, isso não!

— Que tem isso? Sinto-me morrer, poucos momentos terei de vida... Talvez... quando vier outro acesso... resistirei? Só quero beneficiá-la, ela ficará rica!

E o Conde contou então seus amores.

— Não quero! — Disse a moça, muito pálida. — Não quero!

— Oh! minha filha! — Retorqui Joana.

— Não quero, minha mãe! Não quero... — e desatou a chorar. [76] Bem sabia ela que a ambição da velha chegaria a sacrificá-la e obrigá-la, tinha medo. E Anselmo?

Toda essa tarde a perseguiu a velha, ora insinuando-a com ternura, ora ríspida e imperiosa. E tanto fez que, depois de grande luta, a pobre rapariga deixou-se levar como uma rola mansa que se vai prender numa gaiola de ouro.

Mas, dando sim, disse consigo: “Anselmo, coitado, é pobre. Mas eu o amo, é tão bonito, tão bom! Se eu me casar com o Conde moribundo, e ele morrer logo? E as palavras do aldeão me vieram matinalmente aos lábios: ‘Quem sabe?!’”

Apareceu-lhe, então, na mente a figura esbelta do camponês, o querido do seu coração, diáfana como uma nuvem, e o seu semblante belo como o sol.

— Serei Condessa! E o Anselmo também será Conde.



Fora extraordinário aquele casamento que havia sido celebrado naquela manhã no castelo! Ninguém queria acreditar em tal coisa! Entretanto, corria de boca em boca essa estranha notícia:

— Casou-se com uma lavadeira! Oh! o Senhor Conde! — diziam... — Qual... Não é exato. É boato falso. — E comentavam o fato.

Mas o certo é que Marinete já era Condessa, sua mãe estava muito contente; e o pobre Anselmo, louco de dor!

Triste acontecimento! Mesquinha sorte da loura lavadeira, tão descuidada da vida!

Não havia ainda terminado a tarde quando o jovem Conde, vitimado por terrível acesso de febre, expirou-lhe nos braços!

Ela contemplou-o, comovida, e deixou correr algumas [77] lágrimas de pena.

Momentos depois, quando a noite desdobrou-se, Marinete ergueu-se da câmara ardente, onde lacrimejavam os círios juntos ao defunto.

Ao atravessar, porém, o terraço, tropeçou e caiu sobre um corpo inanimado. Levantou-se em meio corpo e viu, a tremer de susto, um cadáver nadando em sangue, curvou-se até o rosto do desgraçado e soltou dois gritos estridentes:

— Morto?! Anselmo?!...

Ergueu-se de novo, recuando, e soltou então longas e repetidas gargalhadas, não daquelas argentinas e frescas que repercutiam na espessura longínqua da mata cerrada; bem diferentes agora, satânicas e desordenadas, como gritos de raiva!

E continuou naquelas gargalhadas a correr por todo o castelo, saindo pela porta afora e desaparecendo na espessura da noite sombria.

Anselmo, o meigo apaixonado da formosa lavadeira da aldeia, desesperou-se, coitado, depois que a soubera condessa, cravando um punhal no peito, foi morrer no terraço do castelo, divisando ainda de longe o semblante adorado da escolhida do seu coração.

Talvez que a querida imagem da sua amada se ficasse gravada nas pupilas ao lhe extinguir a vida!

Foram encontrar Marinete no dia seguinte sentada à margem da fonte com o cântaro ao colo a cantar sua trova e a rir de tudo: de um pássaro que voasse, de uma folha que caísse ou de uma gota d'água que tremesse na relva.

— Que fazes aí, Marinete? — Perguntaram-lhe, consternadas, as suas companheiras.

— Espero Anselmo!

— Para quê?

— Para me ajudar com este cântaro... estou zangada com [78] ele... chamou-me ontem de feia.

— Tu o viste ontem?

— Ah!... ah!... ah!... Ora esta! Ele me disse: “Quem sabe?!”.
— Não é Condessa? — Tornaram-lhe.

Encolheu ela os ombros e começou a cantar de novo, brincando com os pés mimosos dentro da água e levantando com as mãos rosadas chuvas de respingos cristalinos.

Todos os dias, quem quisesse vê-la daí em diante era ir à fonte e lá a encontraria com seu cântaro cheio à espera de Anselmo. Passava ali noites inteiras a conversar com as florezinhas que via desbotoarem na margem ou com as estrelas que brilhavam lá em cima. Às vezes, altas horas, quando o

povoado repousava, rompia o silêncio da noite a sua voz suave, cantando com doçura.

*As estrelas também são lindas flores,
São flores de azulino!
Não exalam perfume nem têm cores,
Mas têm o brilho fino...*

*E as flores? São estrelas colorida
Na terra despontando.
Quando todas aqui já são surgidas,
Vão as de lá se apagando...*



Se alguma rapariga do lugar, acordada ainda àquela hora, ouvia a voz da louca, erguia logo, amedrontada, uma oração, pedindo a Deus que lhe não desse a sorte de Marinete. E cobria-se, sobressaltada, com a varanda da rede!

Todos no lugarejo chamavam-na “Louca da Fonte”.

[79] A tia Joana vivia a chorar arrependida, lá na sua pobre casinha, despida agora das sombras das estreleiras e dos jasminzeiros floridos, que haviam secado.

E o velho castelo caía em ruínas, cobria-se de hera, abandonado ao tempo.



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga
Preparação: Malu Schocair
Comunicação Digital: Rebeca Riga
Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

